

FORMAÇÃO DOCENTE PARA STORYTELLING

PLANEJAMENTO, CONDUÇÃO E MEDIAÇÃO

Sandra Maria Jerônimo Pereira¹
Gilvânia Medeiros de Freitas Barbosa²
Josué Jorge Gonçalves da Silva³
Ulisses Galvão Romão⁴
Márcia Cristina Barros de Moura⁵
Wagner Arestides Luciano⁶

RESUMO: O estudo abordou o *storytelling* na educação, com ênfase na formação docente para planejamento, condução e mediação de narrativas por meio de perguntas e feedback formativo. O problema investigado foi: como a formação docente para o *storytelling*, com ênfase no planejamento, na condução e na mediação pedagógica por meio de perguntas e feedback formativo, contribuiu para qualificar a implementação de narrativas na educação e potencializar a aprendizagem dos estudantes? O objetivo geral consistiu em sistematizar fundamentos e encaminhamentos teórico-metodológicos sobre a formação docente para o *storytelling*, destacando planejamento, condução e mediação por perguntas e feedback formativo como elementos estruturantes da aprendizagem. A metodologia caracterizou-se como pesquisa bibliográfica, baseada em levantamento, seleção e análise de produções acadêmicas da área, organizadas em categorias temáticas. No desenvolvimento, discutiram-se fundamentos do *storytelling* como estratégia didático-pedagógica, bem como as dimensões formativas necessárias à docência narrativa, enfatizando a mediação como eixo de efetivação pedagógica, com progressão de questionamentos e devolutivas orientadoras. Nas considerações finais, constatou-se que a qualificação do *storytelling* dependeu da intencionalidade do planejamento, da consistência da condução e, sobretudo, da mediação docente por perguntas e feedback formativo, indicando-se a pertinência de estudos empíricos para ampliar a compreensão sobre sua aplicação em diferentes contextos escolares.

Palavras-chave: *Storytelling*. Formação docente. Mediação pedagógica. Perguntas pedagógicas. Feedback formativo.

¹Doutoranda em Ciências da Educação, University of Orlando (UO).

²Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST),

³Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁴Mestre em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁵Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

⁶Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação, Must University (MUST).

ABSTRACT: This study addressed storytelling in education, emphasizing teacher education for planning, conducting, and mediating narratives through pedagogical questioning and formative feedback. The research problem was: how did teacher education for storytelling, with emphasis on planning, conducting, and pedagogical mediation through questions and formative feedback, contribute to qualify the implementation of narratives in education and enhance student learning? The general objective was to systematize theoretical-methodological foundations and guidelines for teacher education in storytelling, highlighting planning, conducting, and mediation through questions and formative feedback as structuring elements for learning. The methodology was a bibliographic study, based on surveying, selecting, and analyzing academic publications in the field, organized into thematic categories. In the development, foundations of storytelling as a didactic-pedagogical strategy were discussed, as well as key formative dimensions for narrative teaching, emphasizing mediation as the core for pedagogical effectiveness, supported by progressive questioning and guiding feedback. In the final considerations, it was found that the qualification of storytelling depended on intentional planning, consistent conducting, and especially on teacher mediation through questions and formative feedback, indicating the relevance of empirical studies to broaden understanding across different school contexts.

Keywords: Storytelling. Teacher education. Pedagogical mediation. Pedagogical questions. Formative feedback.

1 INTRODUÇÃO

O *storytelling* na educação tem se consolidado como uma abordagem didático-pedagógica orientada pela construção e pela circulação de narrativas com intencionalidade formativa, articulando linguagem, cultura, emoção e significado no processo de ensinar e aprender. Ao organizar experiências em forma de história, conteúdos curriculares podem ser apresentados de modo contextualizado, favorecendo a compreensão de conceitos, a mobilização de conhecimentos prévios e a atribuição de sentidos às aprendizagens escolares. Nessa perspectiva, o *storytelling* ultrapassa a ideia de recurso meramente ilustrativo ou motivacional, assumindo a condição de estratégia que pode potencializar práticas participativas, ampliar a escuta e estimular a autoria discente em diferentes componentes curriculares e níveis de escolarização. Além disso, em contextos marcados pelo aumento do uso de tecnologias digitais e pela necessidade de metodologias interativas, as narrativas têm sido exploradas em formatos diversos, como narrativas orais, textos multimodais, podcasts, vídeos e produções colaborativas, o que exige do professor domínio de critérios pedagógicos para selecionar, planejar e conduzir experiências narrativas coerentes com objetivos educacionais.

Considerando essa demanda, formula-se a seguinte pergunta-problema: como a formação docente para o *storytelling*, com ênfase no planejamento, na condução e na mediação

pedagógica por meio de perguntas e feedback formativo, contribui para qualificar a implementação de narrativas na educação e potencializar a aprendizagem dos estudantes?

O objetivo desta pesquisa consiste em sistematizar fundamentos e encaminhamentos teórico-metodológicos sobre a formação docente para o *storytelling*, destacando o planejamento, a condução e a mediação pedagógica de narrativas por meio de perguntas e feedback formativo como elementos estruturantes para a aprendizagem.

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir do levantamento, seleção e análise de produções acadêmicas que abordam *storytelling* na educação, formação docente e mediação pedagógica. A pesquisa bibliográfica permite reunir contribuições teóricas e analíticas de livros, artigos, capítulos e documentos científicos, possibilitando identificar conceitos, categorias e proposições relevantes ao tema, bem como estabelecer relações entre fundamentos do uso de narrativas no ensino e práticas docentes mediadoras. A organização do material consultado segue o propósito de construir uma sistematização coerente, capaz de explicitar dimensões essenciais do *storytelling* como estratégia educativa e de destacar o papel do professor na condução da experiência narrativa, com foco nas práticas de questionamento pedagógico e de feedback formativo ao longo do processo.

2 Mediação docente: condução de narrativas, perguntas e feedback formativo

O *storytelling* na educação pode ser compreendido como uma estratégia didático-pedagógica que mobiliza a estrutura narrativa para favorecer a atribuição de sentido, a organização do pensamento e a participação discente no processo de aprendizagem. Ao integrar elementos como enredo, personagens, conflito, contexto e desfecho, a narrativa torna-se um dispositivo de mediação cultural que aproxima conceitos abstratos de situações significativas, contribuindo para ampliar a compreensão e a retenção do conteúdo. Além disso, por operar simultaneamente em dimensões cognitivas e socioemocionais, o *storytelling* tende a favorecer engajamento, empatia e motivação para aprender, sobretudo quando a experiência narrativa é planejada de forma intencional e alinhada ao currículo. Nessa perspectiva, a narrativa não se restringe à função de ilustração do conteúdo, mas passa a atuar como organizadora de experiências de aprendizagem, potencializando a construção de significados e a elaboração de explicações em diferentes áreas do conhecimento, o que exige do trabalho docente competências específicas para planejar, conduzir e mediar o processo educativo com base em objetivos formativos claros.

A compreensão do potencial pedagógico do *storytelling* também se vincula ao reconhecimento de que o pensamento humano se organiza frequentemente por meio de narrativas, uma vez que histórias oferecem estrutura para interpretar acontecimentos, estabelecer relações de causa e consequência, formular hipóteses e justificar conclusões. Assim, quando a narrativa é utilizada no ensino, não apenas se cria um contexto acessível para o conteúdo, como também se estimula o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas relacionadas à interpretação, à argumentação e à produção de sentidos. Em termos educacionais, a narrativa pode ser acionada como recurso de contextualização, como estratégia de problematização, como ferramenta de síntese ou como atividade de autoria, a depender das finalidades do planejamento. Todavia, para que tais finalidades se concretizem em aprendizagem, torna-se indispensável que a prática narrativa seja sustentada por mediação pedagógica, pois é a intervenção docente que orienta o estudante a transitar do enredo para a elaboração conceitual e reflexiva. Nesse sentido, o *storytelling*, quando não é acompanhado por questionamentos e devolutivas formativas, tende a permanecer no nível do entretenimento, enquanto o *storytelling* mediado pedagogicamente tende a favorecer aprofundamento, análise e transferência do conhecimento para novas situações.

A mediação docente no *storytelling* implica reconhecer que narrativas constituem objetos culturais que podem ser explorados como instrumentos de aprendizagem mediante interações orientadas. A atuação do professor, portanto, não se limita a apresentar uma história, mas abrange organizar a experiência didática para que os estudantes interpretem, expliquem e elaborem compreensões progressivamente consistentes. Nesse processo, a docência assume a função de conduzir a participação, estabelecer foco no objeto de aprendizagem e criar condições para que o estudante desenvolva formas de pensar elaboradas com base na narrativa. De acordo com Vygotsky (1978), o desenvolvimento do pensamento ocorre por meio da mediação social e do uso de signos culturais, sendo a linguagem uma ferramenta central para a construção de significados. Assim, ao utilizar narrativas em sala de aula, a intervenção docente por meio de perguntas, sínteses e devolutivas torna-se essencial para promover aprendizagem para além da compreensão literal do enredo, ampliando a capacidade de análise, inferência e argumentação.

A formação docente para a implementação do *storytelling*, nesse cenário, demanda compreensão de fundamentos teóricos e domínio de competências práticas vinculadas a três dimensões articuladas: planejamento, condução e mediação. Em primeiro lugar, o planejamento envolve definir objetivos de aprendizagem e prever como a narrativa será utilizada como

estratégia didática. Considera-se que o planejamento, para ser efetivo, deve articular competências curriculares e necessidades do contexto escolar, estabelecendo coerência entre o conteúdo e o tipo de narrativa selecionada. De modo complementar, é necessário prever o papel do estudante na experiência narrativa, pois a aprendizagem tende a ser ampliada quando se cria espaço para interação, interpretação e produção, em vez de se restringir a uma escuta passiva. Nessa direção, Bruner (1990) destaca que a narrativa constitui modo de organização do pensamento e de construção de significado, o que indica que histórias podem sustentar a aprendizagem quando são integradas a processos de reflexão e construção culturalmente situada. Portanto, no planejamento do *storytelling*, torna-se pertinente definir se a narrativa servirá como introdução de um tema, como situação-problema, como disparador de debate, como prática de autoria discente ou como instrumento avaliativo formativo, de modo que a escolha metodológica seja orientada pela finalidade pedagógica.

Além disso, o planejamento requer atenção à estrutura narrativa, uma vez que a organização do enredo pode ser deliberadamente construída para favorecer processos cognitivos específicos. O conflito, por exemplo, pode ser estruturado como um problema central a ser interpretado e explicado, enquanto pistas inseridas ao longo do enredo podem ser utilizadas para estimular inferências e justificar conclusões. Para tanto, faz-se necessária a previsão de momentos didáticos de pausa, retomada e síntese, pois a continuidade narrativa, quando não é interrompida por intervenções orientadoras, pode dificultar a explicitação de aprendizagens. Assim, no planejamento, é relevante organizar o tempo didático e prever estratégias de interação, incluindo perguntas que serão utilizadas durante ou após a narrativa, bem como critérios para acompanhamento e devolutivas. Nessa lógica, a docência é compreendida como prática intencional e reflexiva, na qual a narrativa deve ser vista como meio para atingir aprendizagens previstas e não como fim em si mesma.

A segunda dimensão formativa refere-se à condução, entendida como o conjunto de procedimentos que asseguram a continuidade do enredo, a organização da linguagem e a gestão das interações durante a experiência narrativa. A condução envolve escolhas de ritmo, entonação, clareza discursiva e organização dos turnos de fala, considerando que a narrativa precisa ser compreendida coletivamente para funcionar como base de aprendizagem. Nesse aspecto, a condução não se confunde com performance teatral, mas se caracteriza como ação pedagógica que articula expressividade e intencionalidade didática. Ao conduzir uma narrativa, o professor regula a atenção dos estudantes, cria pausas para reflexão e destaca elementos

relevantes ao objetivo proposto, evitando que a história se torne dispersa ou desconectada do conteúdo curricular. De acordo com Bruner (1990), a narrativa possui potência para organizar a experiência, mas tal potência depende de como os elementos narrativos são construídos e interpretados culturalmente, o que reforça o papel do professor em orientar o processo de compreensão.

A condução também envolve inclusão e acessibilidade, pois turmas escolares apresentam diversidade de repertórios, ritmos e formas de expressão. Assim, para que o *storytelling* promova participação, torna-se necessário oferecer múltiplos suportes e formas de linguagem, ampliando possibilidades de compreensão para diferentes perfis de estudantes. A condução pedagógica implica, ainda, estabelecer um clima interativo em que interpretações sejam acolhidas e discutidas, o que demanda regras de escuta, incentivo à participação e organização de contribuições para que não haja monopolização da fala. Nessa perspectiva, a condução constitui base para a mediação, pois, sem uma narrativa compreensível e uma interação organizada, as perguntas e devolutivas perdem efetividade.

A terceira dimensão, considerada central para a efetividade do *storytelling*, corresponde à mediação docente, que se concretiza por meio de intervenções planejadas e sensíveis às respostas dos estudantes. A mediação envolve orientar a interpretação do enredo, conectar a narrativa ao conteúdo curricular, estimular inferências e promover reflexão metacognitiva. Nesse processo, perguntas pedagógicas e feedback formativo assumem relevância, pois estruturam a interação e ajudam a transformar a narrativa em aprendizagem. De acordo com Vygotsky (1978), a aprendizagem ocorre em interação social, e a atuação docente pode favorecer avanços ao oferecer suporte para que o estudante realize tarefas cognitivas que ainda não executa de forma autônoma. Assim, ao longo do *storytelling*, perguntas e devolutivas configuram formas de suporte mediador que ampliam a capacidade de elaboração de sentidos e de construção de explicações.

As perguntas pedagógicas, no contexto do *storytelling*, podem ser organizadas em sequências que progridem do nível de compreensão para níveis complexos de inferência, análise e aplicação. Em primeiro lugar, perguntas de compreensão literal ajudam a garantir entendimento do enredo, permitindo que a turma compartilhe uma base comum do que ocorreu na narrativa. Em seguida, perguntas inferenciais orientam o estudante a interpretar motivos, consequências e pistas implícitas, estimulando o desenvolvimento da leitura interpretativa e da construção de hipóteses. Posteriormente, perguntas de conexão curricular favorecem a

articulação entre enredo e conceitos, promovendo transferência do conhecimento para explicações e aplicações em situações reais ou problemas disciplinares. Por fim, perguntas metacognitivas favorecem reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem, possibilitando que o estudante identifique estratégias utilizadas, reconheça limites de compreensão e explicita mudanças de entendimento ao longo da atividade.

O encadeamento dessas perguntas é relevante porque evita que a mediação se limite a questionamentos pontuais e desconectados, promovendo uma sequência didática coerente. Tal coerência tende a favorecer argumentação, justificativa e elaboração progressiva de ideias, contribuindo para que a aprendizagem se aprofunde. Além disso, perguntas bem estruturadas permitem que a narrativa seja explorada como objeto de análise e investigação, e não apenas como estímulo motivacional. Essa orientação torna-se ainda importante em práticas em que o estudante é autor de narrativas, pois o questionamento docente pode auxiliar a aprimorar coerência, consistência e articulação conceitual na produção discente. Nessa direção, Bruner (1990) sustenta que narrativas organizam significados, o que indica que a intervenção pedagógica deve favorecer que o estudante explicita e refine esses significados, ampliando sua capacidade de interpretar e produzir sentido.

Paralelamente ao questionamento, o feedback formativo constitui um componente essencial da mediação docente no *storytelling*, pois permite acompanhar o processo de aprendizagem e orientar melhorias contínuas. O feedback formativo se caracteriza por oferecer devolutivas que esclarecem critérios, evidenciam avanços e indicam caminhos concretos de aprimoramento, favorecendo autorregulação discente e aprendizagem progressiva. Ao tratar do feedback em contexto de avaliação para a aprendizagem, Black e Wiliam (1998) indicam que devolutivas formativas têm maior potencial quando são específicas, orientadoras e voltadas ao processo, e não apenas ao resultado final. Assim, no *storytelling*, o feedback pode ser direcionado tanto ao domínio conceitual quanto à qualidade narrativa, especialmente quando há produção de histórias pelos estudantes.

No eixo conceitual, devolutivas podem orientar o estudante a justificar inferências com base em evidências do enredo, a explicitar relações de causa e consequência com maior precisão e a conectar elementos narrativos a conceitos estudados. No eixo narrativo, devolutivas podem indicar necessidade de maior coerência, melhor estruturação do conflito, clareza na progressão do enredo, consistência dos personagens e adequação do desfecho em relação à problemática apresentada. Em ambos os casos, devolutivas orientadoras tendem a ser eficazes quando

apontam o que foi realizado adequadamente, o que precisa ser revisado e quais ações podem ser executadas para melhorar. Essa organização evita que o feedback seja meramente avaliativo e o transforma em instrumento pedagógico de aprendizagem. De acordo com Hattie e Timperley (2007), o feedback é efetivo quando responde a três questões: para onde ir, como ir e qual o próximo passo, o que reforça a necessidade de devolutivas que orientem progressão e revisão.

A integração entre perguntas e feedback, portanto, permite que o *storytelling* funcione como ciclo formativo: narra-se, interpreta-se, questiona-se, justifica-se, revisa-se e consolida-se aprendizagem. Essa dinâmica também favorece maior participação discente, pois a narrativa cria um contexto comum, enquanto a mediação assegura que diferentes vozes sejam mobilizadas para construir interpretações. Ao mesmo tempo, a intervenção docente regula a qualidade das contribuições, evitando que a discussão se disperse e mantendo foco no objetivo de aprendizagem. Sob esse enfoque, o professor atua como mediador que organiza o ambiente discursivo, promove aprofundamento e orienta progressivamente a construção de conhecimento a partir de um objeto cultural compartilhado.

Do ponto de vista didático, o *storytelling* pode ser organizado como sequência de implementação composta por etapas articuladas. Inicialmente, definem-se objetivos e habilidades, selecionando conteúdos e delimitando evidências observáveis de aprendizagem. Na sequência, escolhe-se o tipo de narrativa, considerando se será uma história conduzida pelo professor, uma narrativa colaborativa ou uma produção discente autoral. Em seguida, estrutura-se o enredo com foco na intencionalidade pedagógica, definindo contexto, personagens e conflito alinhado ao conteúdo. Posteriormente, planeja-se a mediação por perguntas, prevendo pausas e formas de organização da interação. Após a condução da narrativa, aplica-se o feedback formativo para orientar revisões e aprofundar compreensão, culminando em síntese conceitual e propostas de transferência para novas situações. Esse roteiro reforça a compreensão de que *storytelling* não se reduz a uma ação pontual, mas se constitui como prática didática estruturada, cuja efetividade depende do desenho pedagógico e da mediação docente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O achado central do estudo se concentra na mediação docente, compreendida como o eixo que efetivamente conecta a narrativa à aprendizagem. A análise realizada sustenta que perguntas pedagógicas e feedback formativo operam como dispositivos mediadores capazes de converter o *storytelling* em uma experiência formativa. O questionamento, quando organizado

de forma progressiva, contribui para assegurar compreensão do enredo, estimular inferências, promover conexões com conteúdos e favorecer reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem. Já o feedback formativo, ao orientar revisões e explicitar critérios de qualidade, tende a fortalecer o acompanhamento do estudante em processo, apoiando tanto o desenvolvimento conceitual quanto a melhoria das produções narrativas quando há autoria discente. Assim, a formação docente para *storytelling* contribui ao fornecer repertório para planejar intervenções, regular a participação e sustentar ciclos de aprendizagem, nos quais narrar, interpretar, justificar, revisar e sintetizar integram um mesmo percurso didático.

Em resposta direta à pergunta da pesquisa, conclui-se que a formação docente para o *storytelling* contribui para qualificar a implementação de narrativas na educação porque promove intencionalidade no planejamento, consistência na condução e efetividade na mediação, especialmente por meio do uso estruturado de perguntas e de devolutivas formativas. Tais componentes, quando articulados, favorecem que a narrativa funcione como instrumento de aprendizagem, pois ampliam a participação, organizam a construção coletiva de significados e orientam o estudante a elaborar interpretações e explicações consistentes. Dessa forma, a potencialização da aprendizagem, conforme discutido no estudo, está associada menos ao recurso narrativo isolado e à qualidade das mediações que sustentam a exploração pedagógica do enredo.

9

Quanto às contribuições do estudo, a principal consistiu em sistematizar um conjunto de fundamentos e encaminhamentos para orientar a formação docente e a prática pedagógica com *storytelling*, destacando elementos que tendem a ser decisivos para que narrativas sejam utilizadas com coerência didática. Ao organizar o tema em dimensões de planejamento, condução e mediação, bem como ao explicitar o papel do questionamento e do feedback formativo, o trabalho oferece uma estrutura analítica que pode apoiar professores e formadores na organização de aulas, na elaboração de sequências didáticas e na condução de práticas narrativas alinhadas a objetivos de aprendizagem. Além disso, ao enfatizar a mediação como núcleo do processo, a sistematização contribui para deslocar o foco de um entendimento restrito do *storytelling* como técnica de apresentação para uma compreensão pedagógica, centrada na interação e na construção de significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Y. G., & Seibert, C. S. (2019). Uso do *storytelling* na educação ambiental para sensibilizar crianças sobre as araias de água doce. *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, 24(1), 3-31. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/7688>. Acesso em 18 de janeiro de 2026.

OLIVEIRA, D. S. L., *et al.* (2020). Guia para uso do *storytelling* em espaços educacionais na educação profissional e tecnológica. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/729>. Acesso em 18 de janeiro de 2026.

ROMÃO, S. F. G. (2023). Educação não formal em contexto intergeracional através do Digital *Storytelling*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/62733>. Acesso em 18 de janeiro de 2026.

SANTOS, C. R., & Ferreira, R. (2022). A contação de história como mediadora no processo de ensino e aprendizagem da educação infantil/*Storytelling* as a mediator in the process of teaching and learning in early childhood education. ID on line. *Revista de Psicologia*, 16(63), 537-549. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3601>. Acesso em 18 de janeiro de 2026.